

DINÂMICAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL DAS MULHERES WARAO EM MANAUS/AM¹

ELIS ALBERTA RIBEIRO DOS SANTOS²

UFRGS, BRASIL

<http://orcid.org/0000-0002-9507-9270>

PABLO QUINTERO³

UFRGS, BRASIL

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

RESUMO: *A partir dos trabalhos etnográficos colaborativos efetuados na Cidade de Manaus/AM em diversos períodos de 2019 e 2020, o presente artigo discorre sobre as dinâmicas de reprodução social das mulheres do grupo étnico Warao residentes na capital amazonense. Com o objetivo de caracterizar tais dinâmicas socioeconômicas, o trabalho conceitualiza-as como formas de reprodução social coletiva e não somente como práticas econômicas, afirmando, assim, que as estratégias de sobrevivência dos grupos Warao no Brasil têm como núcleo estruturante as mulheres da etnia, o que não implica necessariamente uma simetria de gênero no controle do trabalho e dos seus recursos e produtos. Finalmente, o trabalho propõe algumas perguntas para pesquisas futuras junto à população Warao.*

PALAVRAS-CHAVE: *Mulheres Warao, Reprodução Social, Estruturas de Sobrevivência, Manaus.*

ABSTRACT: *Based on collaborative ethnographic works carried out in the city of Manaus/AM in different periods between 2019 and 2020, this article discusses the dynamics of social reproduction of women from the Warao ethnic group residing in the capital of Amazonas. In order to characterize such socioeconomic dynamics, the work conceptualizes them as forms of collective social reproduction and not only as economic practices, thus affirming that the survival strategies of the Warao groups in Brazil have ethnic women as their structuring core, which does not necessarily imply a gender symmetry in the control of work and its resources and products. Finally, the work proposes some questions for future research with the Warao population.*

KEYWORDS: *Warao Women, Social Reproduction, Survival Structures, Manaus.*

¹ Este trabalho está baseado, parcialmente, no terceiro capítulo da dissertação de mestrado da autora principal (SANTOS, 2021). Tanto a dissertação quanto o presente artigo foram desenvolvidos no marco do projeto de pesquisa “Processos de territorialização, estruturas de subsistência e relações interétnicas na imigração Warao no Brasil: etnologia e história de um grupo étnico em transformação”, coordenado pelo autor secundário e vinculado ao Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIT/PPGAS/UFRGS).

² Indígena Mura e Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/PPGAS/UFRGS). E-mail: elisidp@gmail.com

³ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/PPGAS/UFRGS). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

Introdução

Os Warao são um grupo étnico formado na atualidade por quase 50 mil pessoas, constituído historicamente na região do Delta do rio Orinoco (GASSÓN e HEINEN, 2012), o que atualmente corresponde ao nordeste da Venezuela, mais especificamente ao estado Delta Amacuro e às suas adjacências com os estados Sucre e Bolívar. Sem contar com homogeneidades étnicas, alguns elementos, porém, caracterizam as comunidades Warao. Pertencem a uma família linguística independente, dividida em quatro dialetos, com um sistema de parentesco matrilinear e de residência uxorilocal (BRIGGS, 2008). O padrão de assentamento tradicional está formado a partir de comunidades ribeirinhas articuladas por cerca de 10 a 12 vivendas multifamiliares formando, assim, comunidades ou “rancherías” habitadas até por 200 pessoas. Este tipo de articulação social funda-se também em uma organização política dispersa e com pouca coesão social, sem a presença de lideranças centralizadoras, mas com a existência de uma “cabeça da família” – em geral, mas não exclusivamente, homem ancião que junto com a sua conjugue se encarregam da mediação dos conflitos internos e da repartição do produto e dos possíveis excedentes do trabalho no nível das comunidades locais (HEINEN, 1972). Em alguns casos estas mesmas lideranças podem desenvolver atividades xamânicas e religiosas (WILBERT, 1993).

Atualmente o grupo Warao está estimada em aproximadamente 38.000 pessoas e tem sido tradicionalmente uma sociedade de pescadores e coletores sem a presença de elementos cerâmicos. No passado, o seu consumo energético esteve relacionado diretamente com atividades pesqueiras e com o usufruto do Buriti. Aproximadamente desde a década de 1930, os missionários introduziram, a partir da Guiana Britânica, o cultivo do inhame (*colocasia antiquorum*), que ganhou um importante lugar na alimentação e nas atividades produtivas Warao, também desenvolvendo-se a partir desse período como uma sociedade baseada na horticultura (GARCÍA-CASTRO, 2000).

Embora sendo um grupo étnico de características sedentárias, registradas tanto pela literatura histórica e etnográfica quanto pelas pesquisas arqueológicas, os Warao desde 1960, têm desenvolvido diversos ciclos migratórios. Com a recolonização e despossessão subsequente dos territórios Warao por parte dos agentes do Capital e do Estado-Nação na Venezuela (QUINTERO, 2020), inicia-se um processo de reterritorialização Warao que levará parte da população a se assentar nos grandes centros urbanos das regiões próximas do Delta do Orinoco. Este processo foi extremamente agravado pela catástrofe ambiental do fechamento de um dos principais afluentes da hidrografia do Orinoco conhecido como o “Caño Manamo” em 1966 (BRIGGS 2008; GARCÍA-CASTRO e HEINEN, 1999), o que gerou um verdadeiro desastre ecológico, tendo, como consequência, um importante êxodo dos grupos Warao para cidades do estado Delta Amacuro, como Tucupita, La Horqueta e Barrancas.

Aproximadamente trinta anos depois, um novo processo migratório é empreendido por outros grupos Warao na década de 1990 – desta vez causado novamente pela contaminação ambiental dos territórios tradicionais e pela impossibilidade de sobrevivência, assim como pelo processo de privatização pesqueira de alguns dos rios do Delta do Orinoco. Este ciclo se caracteriza pelas migrações estacionais dos Warao para importantes centros urbanos da Venezuela como Caracas, Maracay, Valencia e Maracaibo (AYALA LAFÉE-WILBERT e WILBERT, 2008). Novamente, e quase trinta anos depois, incentivados pela crise econômica da Venezuela, grupos de famílias Warao começam um novo ciclo de mobilidade atravessando a fronteira com o Brasil desde 2014 (ROSA, 2021), mas se assentando com regularidade no território brasileiro a partir de finais 2016 e começos de 2017 – primeiramente em cidades da região Norte (como Pacaraima, Santarém, Manaus e Belém) e, na atualidade, tendo presença em diversas cidades de todos os Estados do Brasil, sem exceção (SANTOS, 2020).

Após essa breve porém necessária introdução, o presente artigo consiste em um exercício exploratório que se interessa por caracterizar as dinâmicas de reprodução social dos grupos Warao, desenvolvendo uma hipótese de trabalho segundo a qual estas modalidades estão baseadas nas atividades das mulheres Warao como estruturas de sobrevivência que permitem tanto a subsistência material do grupo quanto a fundamentação de outras dinâmicas sociais de tipo diverso e que permeiam toda a estrutura social Warao, possibilitando, inclusive, a mobilidade espacial do grupo e fundamentando seus processos de deslocamento. Esta hipótese sobre a centralidade das mulheres Warao não é nossa e foi proposta anteriormente pela antropóloga venezuelana Cecilia Ayala Lafée-Wilbert (2008) para o caso das “práticas econômicas” e pela antropóloga brasileira Marlise Rosa (2021) para o caso das práticas de mobilidade territorial Warao. Baseando-nos, especialmente, no material da etnografia colaborativa desenvolvida entre 2019 e 2020 na cidade de Manaus (SANTOS, 2020; SANTOS, 2021), pretendemos caracterizar brevemente tanto as práticas econômicas quanto as de mobilidade, agenciadas centralmente pelas mulheres, e considerá-las como parte determinante da reprodução social dos grupos Warao.

Territorialização e estruturas de sobrevivência Warao

De acordo com Eliane Potiguara (2018), desde o passado até os dias atuais o território e a cultura têm sido as linhas mestras de determinação para a sustentação dos povos indígenas: “Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que legitimam a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade” (POTIGUARA, 2018: 119). Esse conjunto de categorias, que fazem parte da composição das sociedades indígenas, são elementos significativos para a compreensão de como esses grupos com sistemas culturais próprios se organizam e interagem entre si, tendo o território como mediador de relações também interétnicas. Em Manaus, em diálogo com

as mulheres Warao anciãs, elas recordavam os lugares por onde passaram e viveram situações nada favoráveis à vida indígena. As memórias as levam até a região do Delta do Orinoco, antes dos processos de despossessão dos seus territórios de origem.

Desde os processos de etnogênese (BARTOLOMÉ, 2006) do povo Warao, o modo de organização está baseado nas mais diversas relações que têm o território como fundamento imprescindível para a vida. Essas relações estão compostas de significados cosmológicos e materiais que se traduzem em práticas de organização sociocultural. Segundo Ayala Lafée-Wilbert e Wilbert (2008), o Delta do Rio Orinoco tem a forma de um grande abano de 22.500km², é circunscrito a oeste pelo riacho Manamo e a sul pelo Rio Grande. A distância média, de seu ápice, próximo ao município de Barrancas, no Sudoeste, e a maioria dos pontos ao longo da costa deltaica, fica entre 180 e 200km de extensão. Devido à sua altitude média, de apenas 7m a 10m acima do nível do mar, este ambiente representa uma região extremamente plana. É evidente que, como toda sociedade humana, os processos históricos do povo estiveram circunscritos a estas específicas condições ecológicas, desenvolvendo diversos padrões e dinâmicas econômico-ecológicas ao longo da história segundo seus processos de territorialização.

João Pacheco de Oliveira (2004: 22) define territorialização como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; e 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado.

No caso as práticas socioculturais Warao, ligadas aos processos de territorialização, estão atreladas à existência de modelos de classificação social baseados em gênero e grupo etário que, ao mesmo tempo, envolvem uma divisão social do trabalho. Assim, crianças, mulheres e homens estão envolvidos nestes processos de forma diferencial, mas articulada, formando as principais estruturas de sobrevivência (QUIJANO, 1998; QUINTERO, 2013) da sociedade Warao. Tais estruturas configuram as bases para o estabelecimento de dinâmicas de reprodução social.

Conforme García Castro (2020), no trabalho diário de subsistência dos Warao em geral pode-se dizer que está tradicionalmente organizado através do parentesco, no qual as unidades domésticas representam, ao mesmo tempo, unidade de produção – os homens são basicamente pescadores e também caçam, embora em menor quantidade. As mulheres, na companhia dos filhos, colhem frutas e outros artigos de subsistência da selva durante essas incursões. Por vezes, podem ser acompanhadas por um homem, ou um parente próximo, que se dedica a procurar colmeias de mel silvestre. Na elaboração dos bolos de sagu (Yuruma), feitos com o amido do buriti (*Mauritia flexuosa*), todos cooperam, embora cada pessoa assuma certas tarefas diferenciadas. Estas dinâmicas, gerais descritas por García Castro e outros autores, podem ser constatadas até começos do século XX, quando começam a ser desenvolvidas diversas atividades por parte da população Warao, ao

ser submersa em relações sociais de produção ligadas à pequena produção mercantil através dos projetos de agricultura desenvolvidos pelos padres Capuchinos na região do Delta do Orinoco (SUÀREZ, 1968) e, posteriormente, articulados à exploração do trabalho, fundamentalmente dos homens, em plantações de arroz e palmito (HEINEN, 1972). Neste sentido, a ideia segundo a qual os grupos Warao se mantiveram desenvolvendo suas estruturas de sobrevivência tradicionais até chegar ao Brasil não é historicamente correta: um conjunto de diversas transformações sociais já tinha sido desenvolvido antes mesmo do começo dos seus ciclos migratórios nacionais e internacionais. Porém, evidentemente, estes deslocamentos e os novos processos de territorialização geram novas transformações sociais.

De acordo com os estudos de Heinen e Gassón (2008), ao viajar para o sul da cidade de Maturín (capital do estado Monagas), via Orinoco, chega-se a uma bifurcação que fica a cerca de 8 km da cidade colonial de Barrancas do Orinoco. Esta, por sua vez, é uma pequena cidade portuária com muito movimento comercial, especialmente peixes do baixo Orinoco e gado dos rebanhos vizinhos. Na própria margem do rio, não muito longe em direção ao extremo leste da área urbana, existe um “bairro” Warao que consiste em uma parte de Waraos “Winikineros” (originários de Winikina) na própria costa e outra de Warao “Mariuseros” (originários de Mariusa). Os membros de ambas as populações são pescadores e morichaleros que nunca se amoldaram ao modo de vida dos horticultores das margens dos rios abertos. Quando as serralherias, fábricas de palmito e outras fontes complementares de renda foram fechadas, eles se deslocaram para os centros urbanos rio acima, alguns permanentemente e outros temporariamente (GARCÍA CASTRO, 2000; HEINEN e GASSÓN, 2008; ROSA, 2021).

O anterior permite constatar a presença diversificada de distintas atividades que a população Warao desenvolveu historicamente conformando uma matriz heterogênea de práticas econômico-ecológicas que vão para além da pesca e da colheita, mas que não necessariamente se afastam dela. Neste sentido, convivem atividades de diversos tipos que estão associadas a formas de controle do trabalho também de uma extensa diversidade e que abarcam tanto práticas autônomas associadas a um modelo caçador-coletor, quanto venda da força de trabalho como operários agrícolas (o que implica uma relação clássica de Capital-trabalho), assim como a pequena produção mercantil simples com a confecção de artesanato (NAROTZKY, 2004). Longe de estar associada a um modelo único de reprodução da vida, a população Warao tem desenvolvido historicamente estruturas de sobrevivência profundamente heterogêneas. Tais estruturas têm se adequado, segundo os processos de territorialização dos grupos Warao, aos novos locais de assentamento e às condições sociais que se erigem nos seus processos de mobilidade, dando lugar a novas atividades ou práticas econômicas – ou a necessária reatualização das antigas. É precisamente neste sentido que as estruturas de sobrevivência podem ser consideradas como um conjunto diverso, e não necessariamente contínuo, de atividades, práticas e estratégias econômico-ecológicas desenvolvidas por populações marginalizadas (isto

é à margem das relações “formais” capitalistas mas em relação com estas), orientadas à consecução da reprodução social do grupo e desenvolvidas segundo as possibilidades e constrições dadas por uma formação social espacial e temporalmente específica (GIMÉNEZ, 2018).

Estruturas de sobrevivência e dinâmicas de reprodução social Warao

É no marco das estruturas de sobrevivência que podem ser analisadas as dinâmicas de mobilidade Warao e seus diversos processos de territorialização, e que não podem ser explicados através de interpretações metafísicas que pretendem encontrar na mitologia as causas dos deslocamentos como se as matrizes subjetivas fossem colocadas em prática de forma automática e mecânica sem relação com os processos de despossessão, com as relações interétnicas e com a crise societal na Venezuela (ROSA e QUINTERO, 2020). Desta forma, as migrações Warao para o Brasil estão inseridas em novos processos de territorialização dentro dos quais, ao mesmo tempo em que se reproduzem antigas estruturas de sobrevivência, surgem também outras novas que parecem responder ao contexto urbano. É importante destacar que este tipo de processo representa a configuração de novidades socioculturais mediante novos mecanismos políticos especializados, redefinindo o controle social sobre o ambiente e a reelaboração dos processos de subjetivação social (OLIVEIRA, 2004). Porém, assim como as migrações Warao colocaram alguns grupos domésticos diante de novos processos de territorialização e da reconfiguração das estruturas de sobrevivência, da mesma forma, tem articulado estes grupos a novos tecidos nas relações interétnicas transnacionais. Desta forma, as próprias relações interétnicas e as suas fronteiras (BARTH, 1976) têm entrado em um processo de redefinição, a partir das dinâmicas de mobilidade Warao.

No contexto urbano os grupos Warao vão estabelecer diferentes tipos de relações. A questão da urbanidade indígena começou a receber certa ênfase a partir do trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira (1972) sobre os indígenas Terena, do Mato Grosso do Sul e, tem sido aprofundado desde começos do século XXI quando o tema voltou a surgir em palcos de debates sobre a relação dos indígenas com a cidade. Para compreendermos como os Warao vão construir suas práticas de reprodução da vida nos contextos urbanos, é necessário problematizarmos a cidade enquanto espaço de negação da presença indígena – à medida que se constituía uma cidade, os indígenas, que ali habitavam, eram expulsos ou “integrados” à sociedade nacional “envolvente”. Segundo Pacheco de Oliveira (2004), o processo de territorialização não deve jamais ser entendido simplesmente como de mão única, dirigido externamente e homogeneizador, pois a sua atualização pelos indígenas conduz justamente ao contrário, isto é, à construção de uma identidade étnica individualizada daquela comunidade em face de todo o conjunto genérico de indígenas que pertencem a um determinado lugar, tomando o território como um fator regulador das relações entre seus membros.

De acordo com Maximiano (2013), a presença indígena em Manaus é, cada vez mais, intensa, o que possibilita uma maior visibilidade do indígena enquanto sujeito do processo de “ocupação” do novo espaço social. Mulheres e homens se deslocam de seu lugar de origem, sendo importante destacar aqueles que já nasceram no novo espaço social. Porém, naquilo que no Brasil se chamou indigenismo, prevaleceu uma percepção romantizada, uma busca de uma “pureza primitiva” que desembocou na construção do que a antropóloga Alcida Ramos (1995) tem chamado de “índio hiper-real”: uma visão exótica sobre o que deveria ser um “índio de verdade”. Neste contexto ideológico brasileiro, o “indígena na cidade” é visto como alguém que teria “perdido” sua identidade, sua vinculação com um modo de vida “ancestral”, e que estaria “ocupando espaços” aos quais não teria direito (BAINES, 2001). Dito de outra forma, a imagem construída no Brasil é a do “índio” “como aquele sujeito que vive nu, usa cocar de penas, mora em uma maloca de palha, alimenta-se da caça e da pesca e possui hábitos ‘não civilizados’” (PACHECO DE OLIVEIRA, 2016: 36).

No caso específico dos Warao, os processos de urbanização e os deslocamentos de grupos para cidades na Venezuela geraram uma série de novas modalidades trabalhistas com e também de circulação do dinheiro. Como anota a antropóloga Matilde Suárez: “Entra así en posesión de los warao un dinero que servirá para comprar herramientas y enseres de fabricación industrial, a la venta en el puesto misional o en comercios de criollos. La circulación del dinero se restringía a las relaciones económicas extra-étnicas sin penetrar los patrones de distribución propios de la familia extensa” (SUÁREZ, 1968: 345).

Para Mario Sanoja (2010), as economias indígenas são constituídas por uma economia tradicional com um segmento de economia de mercado, que pode ser de maior ou menor magnitude, conforme o caso em questão. Em geral, o segmento de economia de mercado envolve adaptações interculturais, como bens que são produzidos com técnicas tradicionais de trabalho ou organizações para vender ao mercado cujas rendas são aplicadas a reciprocidades ou complementaridades tradicionais. Neste sentido, as unidades domésticas Warao, sobretudo no espaço urbano, estão imersas num contexto de transformação permanente, e, adotando a partir de intercâmbios culturais, aqueles elementos (materiais e subjetivos) que fornecem a maior utilidade para sua reprodução social.

Mulheres Warao e reprodução social em Manaus/AM

A discussão anterior parece se expressar com nitidez no contexto urbano de Manaus. Ao acompanhar um grupo familiar de mulheres Warao saindo pelas 5h30 da manhã do abrigo localizado na rua Tarumã, centro de Manaus, foi possível perceber que levavam consigo um pano e uma sacola com alguns materiais para vendas. Ao chegarem em frente a uma das lojas Marisa, na Avenida Eduardo Ribeiro, estenderam um pano e não somente colocaram à disposição para vendas os colares e pulseiras de

produção das mulheres Warao, como também barbeadores, pentes e outros objetos que fazem parte do uso comum da sociedade envolvente (SANTOS, 2021). A Avenida Eduardo Ribeiro é bastante movimentada, um ponto estratégico para as mulheres indígenas arrecadarem algum dinheiro. As pessoas param e se aproximam com o intuito de ajudar. Algumas levam pulseiras ou algum colar, mas é pouco ou quase nada. Das práticas de coleta, elas conseguem muito mais. Por isso “é preferível pedir”, dizia uma das mulheres entrevistadas.

Se o movimento “está ruim” na avenida, caminham para outro ponto na Avenida Sete de Setembro, e dali também seguem a caminhada para outros pontos movimentados da cidade, a fim de garantirem alguma doação de roupas, calçados, comidas ou dinheiro. Geralmente, as que estão nas sinaleiras ganham roupas, já que os/as donos/as dos carros já sabem exatamente onde vão encontrá-las, e procuram pelos pontos de parada usual das mulheres Warao.

Difícilmente os homens acompanham as mulheres nessas práticas de trabalho de rua que os Warao denominam *ebuquitane*. Pelo menos em Manaus, foi possível encontrar apenas um núcleo familiar, formado pelo casal e duas crianças, uma de três e a outra de cinco anos, que saíam juntos. E nesse caso, ele vai e fica acompanhando de longe, mas sem se aproximar dos carros para pedir ou vender algo, até regressarem para o abrigo. Vale novamente insistir na importância das mulheres e suas crianças como mentoras dessas e de outras atividades que geram renda. Em Manaus muitas delas expressam desânimo diante dessa prática de coleta e não desejam “pedir”, mas infelizmente as vendas dos artesanatos têm pouco retorno, sendo a “coleta” nas ruas a principal fonte de renda para a reprodução social dos núcleos familiares.

As mulheres Warao em Manaus associam a habilidade em pedir dinheiro às antigas estratégias utilizadas no Delta Orinoco para colher seus alimentos. A diferença é que “em vez de entrar na floresta em busca de alimentos, atravessam as ruas da cidade para coletar dinheiro”. Porém, no contexto urbano, elas se deparam com os preconceitos e as discriminações, realizando este serviço por necessidade. Em conversação com algumas interlocutoras, elas relatavam como tinham inúmeras vezes escutado as frases “volta para a Venezuela” e “pede grana para Maduro”, misturados com palavrões e xingamentos – às vezes de conotação sexual. Estes preconceitos não se limitam aos insultos de motoristas e público em geral, senão que abrangem as próprias agências estaduais e federais. Vale a pena lembrar como em Manaus, Belém e em outras cidades do país, o Conselho Tutelar tem impedido o *ebuquitane* através das ameaças de retirar as crianças das suas mães e familiares, entendendo que a prática socioeconômica Warao seria uma forma de exploração do trabalho infantil. Ameaças que mais de uma vez têm se concretizado com todo o peso repressivo do estado tutelar (ROSA, 2021).

Em Manaus, as arrecadações diárias do *ebuquitane* variam entre 30 e 40 reais. Elas chegam nos abrigos sorrindo, muitas vezes já trazendo o que comer, e todas preparam juntas seus almoços, dividindo o mesmo fogo. O que elas ganham nas ruas ou nas vendas dos artesanatos logo é aplicado na compra, principalmente, de comida. Só se guarda dinheiro

em forma de “fundo de reserva” (COMAS D´ARGEMIR, 1998), para enviar a grupos da família estendia que se encontram o no Brasil ou na Venezuela – nenhum tipo de acumulação de dinheiro, ou de matérias como roupas, foi constatado em Manaus para além desse tipo de modalidade de redistribuição generalizada (QUINTERO, 2013).

Figura 1: *Ebuquitane* nas sinaleiras de Manaus



Fonte: Elis Alberta Ribeiro dos Santos (Acervo pessoal)

Segundo Suarez (1968) e Ayala Lafée-Wilbert e Wilbert (2008), apesar de existir na cultura Warao uma clara diferenciação do trabalho baseada no gênero, sob certas normas que regulam os papéis dentro da unidade doméstica, há alguma flexibilidade e também algumas diferenças, dependendo do local de origem e subgrupos. Assim, a confecção de redes (chinchorros) e de artesanato (cestos, colares e brincos) é uma atividade tradicionalmente associada às mulheres, mas também é frequente ver homens tecendo. Com exceção das cestas (*uhu*) de grande porte, que são de uso diário e não comercializadas, feitas exclusivamente pelos homens. Fora das atividades de confecção esporádica de redes e artesanato e dos grandes cestos, os homens Warao em Manaus não parecem desenvolver nenhuma atividade de trabalho específica – embora alguns sejam funcionários temporários de diversos empregos de baixa renda, a maioria não parece desenvolver nenhuma outra atividade. No que tange às práticas domésticas associadas às dinâmicas de reprodução social, os homens parecem também não desempenhar nenhum labor para além de atividades esporádicas de limpeza, cozinha e cuidado das crianças que também são geralmente desenvolvidas pelas mulheres.

Em conversação com vários homens Warao residentes em Manaus, eles se referiam às dificuldades de ser empregados por empresas no Brasil – muitos mencionaram diversas tentativas de procura de emprego sem nenhum resultado. Um dos homens, de 26 anos, reconhecido coletivamente como o cacique de um dos blocos do complexo do bairro Alfredo Nascimento, na Zona Leste da Cidade, foi um dos primeiros indígenas da etnia Warao a ter o diploma reconhecido pelo estado do

Amazonas, no Brasil. Os procedimentos foram efetuados pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) através do projeto do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Formado em Administração, Norberto espalhou currículos em várias empresas e outros estabelecimentos na cidade e nada conseguiu. Em meados de setembro de 2020, Norberto partiu com sua família de barco para Belém/PA. Em Belém, também não teve êxito em conseguir um emprego e partiu novamente com sua família para Ananindeua/PA, onde finalmente conseguiu uma oportunidade em sua área profissional. Em conversa com homens Warao, mas também com o pessoal do ACNUR em Manaus, fomos informados que as justificativas para negar um emprego formal tinham a ver com diversos fatores, entre os quais se destacam motivos evidentemente xenófobos e racistas contra a população venezuelana e indígena, mas, às vezes, a falta de competência na língua portuguesa, ou a inconsistência da documentação de identidade exigida no Brasil.

Figura 2: Mulheres Warao cozinhando no abrigo depois do *ebuquitane*



Fonte: Elis Alberta Ribeiro dos Santos (Acervo pessoal)

Seja o que for, a falta de atividades produtivas e reprodutivas desenvolvidas pelos homens Warao faz com que a centralidade das mulheres Warao seja cada vez maior na reprodução social no grupo. Se as pesquisas etnológicas na Venezuela parecem dar conta desta centralidade (AMODIO; RIVAS e DOX, 2006; AYALA LAFÉE-WILBERT e WILBERT, 2008; HEINEN, 1972; SUÁREZ, 1968) feminina nas estruturas de sobrevivência e na reprodução da vida das comunidades Warao, a impossibilidade ou marginalização dos homens do mundo do trabalho formal e informal parece acrescentar essa tendência, incrementando o papel socializador das mulheres dentro dos grupos Warao. Nas pesquisas realizadas recentemente pela antropóloga Marlise Rosa (2021) destaca-se, também, a importância das mulheres para as dinâmicas de mobilidade Warao, sendo, em geral, elas e um grupo de crianças que viajam até novas

idades para “explorar” o terreno e, posteriormente, levar o resto da família estendida que ficou para atrás (incluindo evidentemente os homens) com o dinheiro levantado no novo local. O exemplo de mobilidade da família de Norberto parece ser uma exceção dentro das dinâmicas de deslocamento Warao não só por um homem ser o agenciador do percurso, senão por se movimentar tendo como horizonte o achado de um emprego formal.

A administração do dinheiro e, neste sentido, também a distribuição dos produtos e recursos do trabalho nas ruas e no artesanato, parece (pelo menos no caso de Manaus) estar sob o comando das mulheres, dando aos homens adultos do grupo alguma parte deste. Cabe ainda analisar em pesquisas futuras se a centralidade das mulheres Warao no controle dos meios de subsistência oferece maior acesso a elas nas relações de autoridade coletiva que parecem tradicionalmente estar ocupadas pelos homens (BRIGGS, 2008).

Segundo Diosey Lugo (2007), a sociedade Warao organiza-se economicamente de acordo com uma economia fundamentalmente tradicional, mas inserida por segmentos em uma economia de mercado. O segmento de economia de mercado envolve “adaptações interculturais” como bens produzidos com técnicas ou organizações trabalhistas tradicionais (LUGO, 2007). Se pesquisas futuras demonstram que o *ebuquitane* é uma atualização de lógicas socioeconômicas tradicionais desenvolvidas em novos contextos dentro de igualmente novos processos de territorialização, cabe se perguntar pelas práticas do artesanato, já que estão evidentemente orientadas a um modelo de produção mercantil simples que tem como horizonte a comercialização de mercadorias (MARX, 2011). Para além da produção de mercadorias que estão orientadas a satisfazer ou agradar uma demanda dentro de um conjunto de objetos culturalmente classificados (“artesanato indígena”), este modelo implica também a criação ou existência de um conjunto de relações de distribuição e, evidentemente, de consumo, em que intervêm relações de determinação do valor, tanto de uso quanto de troca. Relações estas que se dão dentro de um contexto eminentemente capitalista, o qual não nega a existência de lógicas e sentidos não capitalistas nas fronteiras desse contexto.

Figura 3: Mulher Warao tecendo um *chinchorro* em Manaus



Fonte: Elis Alberta Ribeiro dos Santos (Acervo pessoal)

O antropólogo indiano Arjun Appadurai (2008), apoiando-se na obra mais célebre de Karl Marx (2011), tem demonstrado que embora os valores de uso constituam o conteúdo material da riqueza, ela está também definida culturalmente e inserida em complexas relações interétnicas. Os valores de uso são os veículos materiais do valor de troca. Contudo, Marx chama atenção para o caráter misterioso da mercadoria, que não provém de seu valor de uso, tampouco dos fatores determinantes do valor – ela é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho das pessoas, características que são materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho. Através dessa dissimulação, os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sociais, com propriedades perceptíveis aos sentidos. É aqui que as perguntas analíticas pelos sentidos sociais do artesanato Warao deveriam, no futuro, se inserir: longe de explicações essencialistas, perguntas como artesanato Warao *para quê?* e *para quem?* seriam interessantes pontos de partida.

Em Manaus as irmãs Josefina e María Jiménez nos falaram das suas extremas dificuldades financeiras e de como a produção de artesanato estava ajudando a resolvê-las parcialmente, uma vez que combinavam esta atividade com o *ebuquitane*. Pediram ajuda para abriremos uma conta para o núcleo familiar. Tentamos, mas não houve êxito – o fato de não residirmos em Manaus dificultou o processo de abertura, por causa das demandas de tempo. Elas moravam em um pequeno quarto que compartilhavam, também, com seus respectivos maridos, quatro filhos – dois de cada mulher –, além de uma das sogras que havia chegado da Venezuela recentemente. Formados nas áreas de Administração e Pedagogia, seus companheiros, mesmo assim, não tinham perspectivas de arrumar emprego na cidade.

As duas irmãs falaram de seus sonhos de chegar até São Paulo para participar das exposições de artesanato indígena que a ACNUR e a Caritas organizavam na capital paulista. De fato, em conversa com uma representante da Pastoral do Migrante, ficamos sabendo como era difícil vender o artesanato Warao em Manaus e não só pela falta de visibilidade, mas também pela concorrência de mercado com outras produções artesanais autóctones da região. Estas dificuldades têm contribuído para que as mulheres Warao façam outro tipo de objeto que pareçam ser mais rentáveis que venda dos cestos – como pulseiras e colares.

Figura 4: Josefina Jiménez e María Jiménez com cesta e balaio tecidos por elas com palha de buriti.



Fonte: Elis Alberta Ribeiro dos Santos (Acervo pessoal)

A procura por novas técnicas e estratégias para a captação de recursos e a diversificação de atividades parece ser uma característica dentro de certa flexibilidade ou plasticidade das estruturas de sobrevivência Warao, na medida em que elas estão sempre e, indefectivamente, orientadas para a reprodução social, e, pelo menos no caso dos grupos Warao que se encontram no Brasil, agenciados pelas mulheres com papéis de grande preponderância.

Algumas considerações finais

Como tem sinalizado Marilese Rosa (2021) os grupos Warao residentes no Brasil, caracterizados pela sua ampla mobilidade, não viajam sozinhos. Toda uma ampla rede de parentesco estabelece a circulação de pessoas, materiais e informações desde Rio Grande do Sul do Brasil (MARÉCHAL, VELHO, RODRIGUES, BUENO, 2020) até os territórios originários dos Warao à beira do mar Caribe no Nordeste da Venezuela. A mobilidade Warao, que parece estar se estabelecendo não só como uma dinâmica da população deslocada, senão como uma modalidade que afeta a sociedade Warao inteira, tem como fundamento central a manutenção da reprodução social dos grupos Warao, o que de jeito algum representa – como parte da literatura antropológica e jornalística recentemente a sinaliza – nomadismo e, menos ainda, expansionismo (ROSA e QUINTERO, 2020).

É evidente que tais dinâmicas de mobilidade estão articuladas também com novas dinâmicas de reprodução social que se fundamentam em estruturas de sobrevivência heterogêneas com a combinação, principalmente, de três estratégias: o *ebuquitane*, a produção e venda de artesanato e práticas domésticas de cuidado e socialização. No centro destas estratégias estão as mulheres adultas Warao como realizadoras materiais e intelectuais destas dinâmicas transformacionais. Apesar

destas transformações e incorporações, num contexto de profundas mudanças sociais e de crescente interrelação com a sociedade brasileira, os grupos Warao continuam, em grande medida, desenvolvendo lógicas autônomas, mas relacionadas ao contexto de inserção. Análises recentes sobre as relações políticas e de gestão do poder nos grupos Warao presentes no Brasil (ROSA, 2021) devem continuar arrojando interessantes resultados sobre novas práticas ou reconfigurações na organização social e na gestão do poder diante das instituições e do estado Brasileiro, que opera de forma diferente das instituições do seus país de origem, e, inclusive, como tais disposições geram constrictões para o desenvolvimento das estruturas de sobrevivência Warao e sua reprodução social.

Referências bibliográficas

AMODIO, Emanuele; RIVAS, Yelitza; DOX, Clever. **Las pautas de crianza del pueblo warao de Venezuela**. Caracas: Asha Ediciones, 2006.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun (org.) **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, p. 2008, p. 15-87.

AYALA LAFÉE-WILBERT, Cecilia e WILBERT, Werner. **La mujer Warao: de recoleitora deltana a recoleitora urbana**. Caracas: Fundación La Salle, 2008.

BAINES, Stephen Grant. As chamadas “aldeias urbanas” ou índios na cidade. **Brasil Indígena**, v. 2, n. 7, p. 15-17, 2001.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 2011.

BRIGGS, Charles. **Poéticas de Vida en Espacios de Muerte: Género, poder y Estado en la cotidianidad Warao**. Quito: Abya-Yala, 2008.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. As etnogêneses: Velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 39-68, 2006.

CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo: Pioneira, 1972.

COMAS D'ARGEMIR, Dolors. **Antropología económica**. Barcelona: Ariel, 1998.

GARCÍA CASTRO, Álvaro. Mendicidad indígena: los Warao urbanos. **Boletín Antropológico**, n. 48, p. 79-90, 2000.

GARCÍA-CASTRO, Álvaro. Migración de indígenas Warao para formar barrios marginales en la periferia de ciudades de Guayana, Venezuela. In: REPRESA PERÉZ, F. (org.) **De Quito a Burgos: migraciones y ciudadanía**. Burgos: Gran Vía, 2006.

GARCÍA CASTRO, Álvaro. Los Warao como desplazados urbanos en Venezuela y Brasil. **Entre Rios**, v. 3, n. 2, p. 89-101, 2020.

GARCÍA CASTRO, Álvaro e HEINEN, Heinz Dieter. Planificando el desastre ecológico: Impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental (Delta del Orinoco, Venezuela). **Antropológica**, v. 91, p. 31-56, 1999.

GASSÓN, Rafael e HEINEN, Dieter. ¿Existe un Warao genérico? cuestiones clave en la etnografía y la ecología histórica del Delta del Orinoco y el territorio Warao-Lokono-Paragoto. **Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, v. 10, n. 1, p. 37-67, 2012.

GIMÉNEZ, Martha. From social reproduction to capitalist social reproduction. In: **Marx, Woman and capitalist social reproduction**. Boston: Brill, 2018, p. 279-308.

HEINEN, Heinz Dieter. **Adaptative changes in a tribal economy: a case study of the Winikina-Warao**. Los Angeles: University of California, 1972.

HEINEN, Heinz Dieter e GASSÓN, Rafael. **Forasteros em su propria tierra: testimonio de los ameríndios Warao**. Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 2008.

LUGO, Diosey. Economía indígena y estrategias de reproducción en el grupo indígena Warao. **Revista Venezolana de Economía Social**, v. 7, n. 13, p. 59-75, 2007.

MARÉCHAL, Clémentine; VELHO, Augusto Leal de Britto; RODRIGUES, Milena Weber; e BUENO, Pietro. Transformações sociais e (re)territorialização Warao no Brasil: a trajetória de uma família frente à pandemia de covid-19. **Espaço Ameríndio**, v. 14, n. 2, p. 46-87, 2020.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política I**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NAROTSKY, Susana. *Antropología económica: nuevas tendencias*. Barcelona: Melusina, 2004.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: PACHECO DE OLIVEIRA, João (org.) **A viagem da volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004, p. 13-42.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.

QUIJANO, Aníbal. **La economía popular y sus caminos en América Latina**. Lima: Mosca Azul, 1998.

QUINTERO Pablo. Estructuras de sobrevivencia y descolonialidad del poder en el Chaco Argentino. In: MARAÑÓN-PIMENTEL, Boris (org.) **Descolonialidad y cambio societal: experiencias de solidaridad económica en América Latina**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2013, p. 269-292.

QUINTERO, Pablo. Peuples autochtones et politiques indigénistes au Venezuela (1999-2018). In: GARZÓN, Olga; SALLERIN, Mathilde; URIBE CARREÑO, Enrique (orgs.) **Venezuela, la révolution bolivarienne, 20 ans après**. Paris: L'Harmattan, 2020, p. 159-167.

RAMOS, Alcida. **O índio hiper-real**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: ANPOCS, 1995.

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA.** Rio de Janeiro: LACED / E-Papers, 2021.

ROSA, Marlise e QUINTERO, Pablo. Algumas reflexões sobre as migrações Warao. 32^o *Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2020, p. 1-13.

SANOJA, Mario. **Historia sociocultural de la economía venezolana.** Caracas: Banco Central de Venezuela, 2010.

SANTOS, Elis Alberta Ribeiro dos. **Mobilizações transfronteiriças de indígenas Warao: Impactos do desenvolvimentismo moderno à vida indígena.** 32^o *Reunião Brasileira de Antropologia*, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2020, p. 1-10.

SANTOS, Elis Alberta Ribeiro dos. Reprodução da vida Warao: **Impactos e transformações a partir do contexto urbano de Manaus/AM.** 180. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, 2021.

SUÁREZ, Matilde María. **Los Warao: Indígenas del Delta del Orinoco.** Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 1968.

Recebido em: 20/11/2021 * Aprovado em: 12/12/2021 * Publicado em: 23/12/2021
